

**AS ORIGENS AFRICANAS DA FILOSOFIA GREGA: MITO OU REALIDADE?**

Ricardo Matheus Benedicto

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada  
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

Este relato tem por objetivo apresentar o debate sobre as origens africanas da filosofia grega bem como contribuir para uma visão mais acurada da civilização africana. Para realizar este objetivo o trabalho foi orientado pela filosofia afrocêntrica. Filosofia esta que coloca os africanos como sujeitos de sua história e não como objetos de pesquisa dos europeus. Reconhecer as origens africanas da filosofia grega implica numa contribuição significativa para um melhor relacionamento entre as culturas, para a diminuição do racismo e para ajudar a implementar a lei 10.639/03 que trata do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas. Palavras-chave: Filosofia africana, Milagre grego, Racismo

## **AS ORIGENS AFRICANAS DA FILOSOFIA GREGA: MITO OU REALIDADE?**

Ricardo Matheus Benedicto<sup>1</sup>. Centro Universitário Claretiano e Faculdade  
Fernão Dias.

### **1. Introdução**

Neste ano a lei 10.639/03 – que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana – completou onze anos. Neste período, muito pouco foi feito para que esta lei saísse do papel. Podemos elencar algumas razões para a ausência de efetividade desta norma legal: temos poucas universidades que estudam as africanidades; por consequência não temos um número satisfatório de professores para ministrar estes conteúdos. Tudo isso aliado a um descaso dos poderes públicos no sentido de fazerem com que a lei seja cumprida.

Este relato de pesquisa, fruto de minhas investigações que culminaram no projeto de doutorado **Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma Crítica Afrocêntrica ao Eurocentrismo na Educação Brasileira**, ao tratar das questões filosóficas africanas, pretende oferecer uma pequena contribuição para auxiliar na formação e reflexão dos professores sobre os temas de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

No entanto, tratar da filosofia africana não é uma tarefa simples devido à antiguidade de suas civilizações bem como a variedade cultural do continente. Assim, a opção que fizemos, para realizar a empreitada seguiu a recomendação do intelectual senegalês Cheikh Anta Diop<sup>2</sup>:

O antigo Egito era uma civilização negra. A história dos negros africanos permanecerá suspensa no ar e não poderá ser escrita corretamente até os historiadores ousarem conectá-la com a história do Egito. Em particular, o estudo das linguagens, instituições, não pode ser tratado adequadamente; em uma palavra, será impossível construir humanidades africanas, um corpo de ciências africanas, enquanto esta relação não for legitimada. O historiador africano que evade o problema do Egito não é modesto, nem objetivo, nem sereno; ele é ignorante, covarde e neurótico. Imagine, se você pode, na confortável posição de

historiador que vai escrever a história da Europa não se referir a antiguidade greco latina e tentar passar este estudo como se tivesse caráter científico. (DIOP, 1974 p. xiv).

Quando li pela primeira vez o texto de Diop, minhas convicções a respeito da origem da civilização e da filosofia foram abaladas. Isto me levou a investigar porque o autor era muito enfático em seu texto e porque a discussão muito bem fundamentada pelo autor era completamente ignorada no Brasil. Para entender a dureza da recomendação do pensador é preciso compreender o contexto em que sua obra foi escrita. Seu texto *The African Origin of Civilization? Myth or Reality?* foi escrito em meio a um ambiente cultural completamente hostil às teses sustentadas pelo autor. Da metade do século XVIII até a metade do século XX se consolidou o que Martin Bernal<sup>3</sup> - após principalmente às críticas de George James<sup>4</sup> e do próprio Cheikh Anta Diop – chamou de tese ariana da história. Esta tese sustenta que os europeus são a forma mais perfeita do ser humano e que as grandes tradições da história do mundo são produto de sociedades brancas começando com os gregos. Assim, de acordo com esta ideologia a civilização – filosofia, artes, ciências, tecnologias, formas de governo “avançadas” – foram desenvolvidas apenas por europeus. Qualquer contribuição de outras civilizações, principalmente as africanas é desqualificada, ignorada e quando reconhecida sustenta-se que o gênio grego impôs uma *mudança qualitativa*<sup>5</sup> no conhecimento recebido. Podemos perceber, então, a magnitude do trabalho de Diop. Suas teses desafiaram toda construção da academia ocidental que pretendia transformar o antigo Egito em uma sociedade branca e, o que é aparentemente contraditório, desqualificar o conhecimento egípcio como não racional – pois este teria iniciado apenas com os gregos. Neste relato, ao argumentarmos que a filosofia se originou no continente africano e não na Grécia, pretendemos dar voz a este debate bem como contribuir para difundir uma visão mais acurada da África para professores e seus respectivos alunos.

## 2. As origens africanas da filosofia grega

A tese de que a filosofia nasceu na Grécia no século VI A.C, que Tales de Mileto foi o primeiro filósofo e que o nascimento da filosofia indica a passagem do pensamento mítico para o pensamento racional já faz parte de nosso senso comum. Está consagrada na esmagadora maioria dos nossos cursos e livros de introdução à filosofia. O que não faz parte deste senso é que esta tese – conhecida como *milagre grego* – tem pouco mais de duzentos anos. Nem sempre a humanidade pensou desta maneira. Aliás, de acordo com os autores citados, os gregos sempre reconheceram sua dívida cultural para com os povos antigos particularmente o antigo Egito. Podemos citar, por exemplo, Heródoto, conhecido como pai da história, que no livro II de sua obra *História* sustenta:

Foi, portanto, Melampo, quem instituiu a procissão do falo em honra a Baco e o primeiro a instruir os gregos sobre as cerimônias que ainda hoje se praticam. Melampo devia ter sido, na minha opinião, um sábio, hábil na arte da adivinhação. Instruído pelos egípcios sobre um grande número de cerimônias, inclusive a que se relacionava com o culto de Baco, introduziu-as na Grécia com ligeiras modificações. Não atribuirei ao simples acaso a semelhança entre as cerimônias religiosas dos egípcios e dos gregos. Se essa semelhança não tivesse outras causas, as cerimônias não estariam tão afastadas dos usos e costumes dos gregos. [...] Quase todos os nomes dos deuses passaram do Egito para a Grécia. Não resta dúvida de que eles nos vieram dos bárbaros (HERÓDOTO, 2001 p. 217-218).

O curioso nesta passagem é que apesar do reconhecimento explícito de que os deuses gregos são inspirados nos deuses egípcios Heródoto termina sua explanação dizendo que os deuses dos gregos vieram dos bárbaros. Embora esta palavra não tenha o mesmo significado que hoje lhe atribuímos – bárbaro é aquele que não pertence à cultura grega – há um claro indício de chauvinismo. O pai da História não foi o único a reconhecer a importância do antigo Egito. Na metafísica de Aristóteles podemos ler:

De modo que, constituídas todas as ciências deste gênero, outras se descobriram que não visam nem ao prazer nem à necessidade, e primeiramente naquelas regiões onde os homens viviam no ócio, É assim que, em várias partes do Egito, se organizaram pela primeira vez as artes matemáticas, porque aí se conseguiu que a casta sacerdotal vivesse no ócio. (ARISTÓTELES, 1973 p. 212-13)

Além do reconhecimento de Aristóteles existe outro dado importante a ser observado nesta passagem: na mesma obra, o filósofo sustenta que a condição para o surgimento da filosofia consiste no fato de alguns seres humanos não terem mais que se preocupar com as necessidades materiais. Viviam no ócio. O mesmo argumento utilizado com relação ao nascimento da matemática no Egito.

Pitágoras, considerado um dos pais da matemática, que tem um teorema com o seu nome e a quem a tradição consagra como criador do termo filosofia, passou vinte e dois anos estudando no Egito de acordo com Diógenes Laertios p.19. Sua obra *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*, p. 229, nos mostra que Tales de Mileto, assim como Platão, p.86, também estudou no Egito.

Estrabão, importante pensador do mundo grego, também nos assegura que Platão adquiriu sua formação no antigo Egito:

Nós vimos lá [em Heliópolis] a sala sagrada que foi usada no passado como aposento dos sacerdotes; mas isto não é tudo, nós também mostramos a residência de Platão e Eudoxo, para que Eudoxo acompanhasse Platão lá; depois de chegarem a Heliópolis, eles ficaram por treze anos entre os sacerdotes. Este fato é afirmado por vários autores. Estes sacerdotes, tão profundamente instruídos sobre os fenômenos celestiais, eram ao mesmo tempo pessoas misteriosas, que não conversavam muito, e somente depois de um longo tempo e com habilidosas manobras que Platão e Eudoxo foram habilitados para ser iniciados em algumas de suas especulações teóricas. Mas estes bárbaros guardavam a melhor parte para eles. E se hoje o mundo lhes deve o conhecimento de que a fração de

um dia (do dia todo) tem que ser adicionada aos 365 dias para termos um ano completo, os gregos não sabiam a real duração do ano e muitos outros fatos da mesma natureza até os tradutores dos textos dos sacerdotes egípcios na língua grega popularizassem estas noções entre os modernos astrônomos, que continuaram, até o presente momento, a extrair em grande quantidade da mesma fonte como se elas viessem dos escritos e observações dos caldeus. (ESTRABÃO, apud DIOP, 1991, p.345).

Apesar do chauvinismo de Estrabão podemos notar que ele não tentou negar a influência da civilização egípcia sobre a cultura grega. Também temos o testemunho explícito de que Platão e Eudoxo foram educados pelos sacerdotes egípcios. A omissão e a ignorância destes fatos no século XX intrigou George James e mais recentemente este autor. A explicação tradicional para origem da filosofia grega não parecia fazer muito sentido. Tanto que em seu livro clássico *Stolen Legacy* foi levado a afirmar:

Os jônios e italianos nunca tentaram sustentar que eram autores da filosofia, porque eles tinham plena consciência que os egípcios eram os verdadeiros autores. De outro lado, após a morte de Aristóteles, seus alunos atenienses, sem a autoridade do estado, incumbiram-se de compilar a história da filosofia, reconhecida naquele tempo como Sofia ou Sabedoria dos Egípcios, a qual tinha se tornado comum e tradicional no mundo antigo, esta compilação, porque foi produzida pelos alunos da escola aristotélica, posteriormente foi chamada erroneamente de filosofia grega, a despeito do fato de que os gregos eram seus grandes inimigos e perseguidores, e a tenham persistentemente tratado como uma inovação estrangeira. Por esta razão, a então chamada filosofia grega é roubada da filosofia egípcia, que primeiro espalhou-se pela Jônia, depois pela Itália e por fim para Atenas. E deve ser lembrado que neste curto período da história grega, isto é, de Thales a Aristóteles 640 a.C. – 322 a.C. os jônios não eram cidadãos gregos, mas colônias do Egito e depois da Persia. (JAMES, 2001, p.10).

A tese que a civilização e, conseqüentemente, a filosofia se originaram no Egito e foi a fonte na qual os gregos se inspiraram para erigir a sua própria era de conhecimento comum não apenas para os gregos. No século XVIII podiam-se ouvir os ecos desta sabedoria. Tomemos, por exemplo, as palavras de Montesquieu: “Pode-se julgar da cor da pele pela dos cabelos, que, entre os egípcios que são os melhores filósofos do mundo...” (MONTESQUIEU, 1973 p. 223) e do Conde Constantin Volney em *Viagens para Síria e o Egito*:

[...] lembrei-me da notável passagem onde Heródoto diz: “E quanto a mim, julgo ser os colquidianos uma colônia dos egípcios porque, como estes, são negros de cabelos crespos...” Em outras palavras, os egípcios antigos eram verdadeiros negros do mesmo tipo que todos os nativos africanos. [...] Pensem só, que esta raça de negros, hoje nossos escravos e objetos do nosso desprezo, é a mesma raça a quem devemos nossas artes, ciências e até mesmo o uso da palavra escrita! Imaginem, finalmente, que é no meio dos povos que chamam a si próprios de grandes amigos da liberdade e da humanidade que tem sido aprovada a mais bárbara escravidão e questionado se os negros tem o mesmo tipo de inteligência que os brancos! (VOLNEY apud DIOP, 1974 p. 28)

Se a civilização egípcia forneceu os elementos para os gregos se desenvolverem como sociedade civilizada e – este fato – era amplamente reconhecido tivemos forçosamente de nos perguntar: o que aconteceu no século XIX para que este dado fosse praticamente ignorado? Por que hoje aceitamos de maneira acrítica que a filosofia nasceu na Grécia?

Para responder às questões colocadas recorreremos a uma passagem do livro *Black Athena* de Martin Bernal:

O paradigma das “raças”, que eram intrinsecamente desiguais em capacidades física e mentais, foi aplicado a todos os estudos de humanidades, mas especialmente em história. Era agora considerado indesejável, se não desastroso, para as raças se misturar. Para ser criativa, uma civilização precisaria ser “racialmente pura”. Assim

tornou-se mais e mais intolerável que a Grécia - que era vista não meramente como o epítome da Europa, mas também como sua pura infância – pudesse ser resultado da mistura de nativos europeus e africanos e semitas colonizados. (BERNAL, 1987, p.29)

O racismo foi o responsável pelo que Diop chamou de moderna falsificação da história. O século XIX foi o século de consolidação do domínio europeu sobre os povos africanos. Para este domínio, que se iniciou no século XV, ser concretizado não bastavam apenas armas. Foi preciso uma ideologia que justificasse toda a violência e brutalidade da escravidão e da colonização. Até o século XVII o suporte ideológico era oferecido pela Igreja Católica. Porém, com o advento do iluminismo, as justificações religiosas perderam sua força. Coube, então, aos ilustrados cientistas e filósofos fornecer tal justificativa. Assim, podemos ler em David Hume<sup>6</sup>:

Eu estou em condições de suspeitar de serem os negros naturalmente inferiores aos brancos. Praticamente não houve nações civilizadas de tal compleição, nem mesmo qualquer indivíduo de destaque, seja em ações seja em investigação teórica. Não há artesãos engenhosos entre eles, não há artes, não há ciências. Por outro lado, os mais rudes e bárbaros dos brancos, como os antigos alemães, o atual tártaro tem algo de eminente entre eles em sua coragem, forma de governo, ou alguma outra particularidade. Tal diferença uniforme e constante não poderia ocorrer, em tantos países e épocas, se a natureza não tivesse feito uma distinção original entre essas raças de homens. Sem citar nossas colônias, há escravos negros dispersos por toda a Europa, dos quais ninguém ainda descobriu nenhum traço de criatividade, embora pessoas de baixa educação, sem educação venham a progredir entre nós e destaquem-se em cada profissão. Na Jamaica, realmente, falam de um negro de posição e estudo, mas provavelmente ele é admirado por realização muito limitada como um papagaio que fala umas poucas palavras claramente. (HUME apud Eze, 1997 p. 33)



Immanuel Kant, pensador que ofereceu a definição científica do conceito de raça<sup>7</sup>, seguindo o filósofo que o despertou do seu sono dogmático, afirmou em sua reflexão sobre o caráter dos africanos:

Os *negros* da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha demonstrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles tenham sido postos em liberdade, não se encontrou um único exemplo sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão. Já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força dos dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto a diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível; à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objetos de adoração e invocação nos esconjuros. Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que deve-se dispersá-los a pauladas (KANT, 1993, p.75-6)

Podemos perceber o quanto a civilização egípcia incomodava os europeus proponentes da tese ariana da história. A seguinte passagem do filósofo Georg Hegel apresenta o incômodo de maneira mais clara:

Neste ponto nós deixamos a África, para não mencioná-la de novo. Pois, não é parte da história do mundo; não tem movimento ou desenvolvimento para exhibir. O movimento histórico em si – em sua região Nordeste – pertence ao mundo asiático e europeu. Cartago apresentou uma transitória e importante fase de civilização, porém, como colônia fenícia, ela pertence à Ásia. O Egito será

considerado em referência à passagem da mente humana de sua fase Oriental para a fase Ocidental, porém este não pertence ao Espírito africano. O que nós propriamente entendemos por África é o Não-Histórico, Não Desenvolvido Espírito, ainda envolvido na condição de mera natureza, e que foi apresentado aqui somente como soleira da História mundial. (HEGEL, 1999 p.88).

Hegel explicitamente tenta separar o Egito da África. Como não era tarefa fácil negar a pujança da civilização egípcia e sua influência cultural sobre os gregos adotou-se a estratégia de atribuir os feitos egípcios à Grécia ou transformar a os povos egípcios em brancos. O desespero destes intelectuais deu a luz a uma disciplina – Egitologia – que nasceu com o objetivo explícito de apagar a memória do Egito negro a qualquer custo. Esta “ciência” produziu trabalhos como o de Champollion-Figeac no qual podemos ler:

A opinião que a antiga população do Egito pertence à raça negra africana é um erro por muito tempo aceito como verdade [...] Uma autoridade séria declarou-se favorável a este ponto de vista e popularizou este erro. (...) Para apoiar sua opinião Volney invoca que Heródoto sustenta que os colquidianos assim como os egípcios tinham pele escura e cabelo crespo. Já estes dois traços físicos *não são suficientes para caracterizar a raça negra*<sup>8</sup> e a conclusão de Volney quanto a origem da antiga população do Egito é forçada e inadmissível. (Apud DIOP, 1974 p. 50-51).

Foi raciocinando à maneira de Champollion-Figeac que se tornou possível transformar os antigos egípcios em brancos, visto que ser preto da cabeça aos pés não era suficiente para ser considerado negro.

Após esta reflexão deve ter ficado mais claro porque Diop exorta os africanos a buscarem a antiguidade egípcia para legitimar as humanidades africanas. Sem este movimento a história africana ficará suspensa no ar. Para que lei 10.639/03 não seja apenas mais uma *lei para inglês ver* aprofundar o debate aqui proposto é uma tarefa a ser realizada com extrema urgência.

### 3. Considerações Finais

Para finalizar este relato utilizarei as palavras de George James. Este grande intelectual do mundo africano pretendeu, com sua obra *Stolen Legacy*, contribuir para melhorar as relações humanas entre europeus e africanos:

Agora que mostramos que a filosofia, as artes e ciências foram herança para civilização deixada pelo povo do norte África do norte e não pelo povo da Grécia; o pêndulo do elogio e da honra deve mudar da Grécia para o povo do continente africano que são os verdadeiros herdeiros de tal elogio e honra.

Isto significará uma tremenda mudança na opinião mundial, e atitude, para todas as pessoas e raças que aceitarem a nova filosofia da redenção africana, isto é, a verdade de que os gregos não são os autores da filosofia grega; mas o povo da África do norte; mudaria a sua opinião desrespeitosa para respeitosa para com o povo negro ao redor do mundo e também tratá-los de acordo.

Significará também a mais importante mudança na mentalidade do povo negro; a mudança do complexo de inferioridade, para compreensão e consciência de sua igualdade com todos os outros povos do mundo, que construíram grandes civilizações. Com esta mudança na mentalidade de negros e brancos, grandes mudanças são esperadas em suas respectivas atitudes, e no conjunto da sociedade.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia do Centro Universitário Claretiano e de Filosofia da Educação da Faculdade Fernão Dias. Doutorando do Programa de Pós Graduação da FEUSP.

<sup>2</sup> Cheikh Anta Diop 1923 – 1986. Grande intelectual do mundo africano. Nascido no Senegal, Diop foi químico, arqueólogo e historiador. Também dirigiu Instituto de Radiocarbono na Universidade de Dakar Senegal. A tradução desta citação e das subseqüentes foi realizada pelo autor.

<sup>3</sup> Martin Bernal 1937 -2013 foi professor de estudos das civilizações clássicas antigas na Universidade de Cornell. Autor da importante obra **Black Athena: The Afroasiatics Roots of Classical Civilization, New Brunswick, Rutger University Press, vol.1, 1987.**

<sup>4</sup> George G. M. James nasceu em Georgetown na Guiana. Foi professor de grego, latim, lógica e matemática. Sua obra clássica é **Stolen Legacy: The Greeks were not the authors of Greek philosophy, but the people of North of Africa commonly called the Egyptians were.**

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, o trabalho da professora Marilena Chaui. **Introdução à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Aristóteles, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.**

<sup>6</sup> A citação de Hume é uma nota de rodapé acrescentada em 1753 ao texto de 1748 **Do caráter nacional** que se encontra na obra **Ensaios Morais Políticos e Literários**. Esta obra se encontra na coleção **Os Pensadores**, porém sem a seção na qual se encontra a nota de rodapé.

<sup>7</sup> Ver o artigo do professor Robert Bernasconi **Who invented the concept of race? In: Race Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.**

<sup>8</sup> Os itálicos são meus.

---

## **Bibliografia**

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. In: *Os Pensadores*, São Paulo, Ed. Abril, 1973.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: **Sankofa 4 Afrocentricidade Uma abordagem epistemológica inovadora**. Ed. Selo Negro, 2009.
- BERNAL, Martin. **Black Athena: The Afroasiatics Roots of Classical Civilization**, New Brunswick, Rutger University Press, vol.1, 1987.
- BERNASCONI, Robert. **Who Invented The Concept of Race**. In: *Race* Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Aristóteles**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004.
- DIOP, Cheikh Anta. **The African Origin of Civilization Mith or Reality?** Westport, Ed Lawrence Hill, 1974.
- \_\_\_\_\_. Does African philosophy exists? In: **Civilization or Barbarism: An Authentic Antropology**. Westport. Ed Lawrence Hill, 1991.
- EZE, Emmanuel C. **Race and Enlightenment – A Reader –** Massachusetts Blackwell Publishers, 1997.
- HEGEL, G. W. F. **Filosofia da História**. Brasília, Editora da UnB, 1999.
- HUME, David. Ensaio Morais Políticos e Literários. In: *Os Pensadores*, São Paulo, Ed. Abril, 1973.
- HERÓDOTO. **História**. São Paulo, Ediouro, 2001
- JAMES, George G. M. **Stolen Legacy: The Greeks were not authors of Greek Philosophy but people of North Africa commonly called Egyptians were**. African American Images, 2001.
- KANT, Immanuel. **Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime**, Campinas, Ed. Papyrus, 1993.
- LAERTIOS, Diógenes. **Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres**. Brasília, Unb, 2008.
- MONTESQUIEU. **Do Espírito das Leis**. In: *Os Pensadores*, São Paulo, Ed. Abril, 1973.
- MORTON, Eric. **Race And Racism in the Works of David Hume**. In: *Journal on African Philosophy*, 2002.
- Nascimento, Elisa Larkin, **Introdução às Antigas Civilizações Africanas** In: *Sankofa I: A Matriz Africana no Mundo*. São Paulo, Ed.Selo Negro 2008.